

PATRONO DA AMIZADE: AS TRADUÇÕES DE OBRAS BRASILEIRAS DA ALFRED A. KNOPF EM MEADOS DO SÉCULO XX

*Marly D'Amaro Blasques Tooge**

RESUMO: As décadas de 1940 e 1960 foram muito importantes para a história da literatura brasileira traduzida para o inglês. O número de traduções de obras brasileiras para o idioma inglês cresceu com o incentivo à atividade. No primeiro período, o mundo testemunhou as trágicas consequências da Segunda Guerra. Ocorreram então diversas negociações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos, mas Vargas só declarou seu apoio aos Estados Unidos em 1942. Projetos diplomáticos criados na época incluíam programas de tradução que, indiretamente, ajudaram a divulgar as ideias de “democracia racial” de Gilberto Freyre. Na década de 1960, a visibilidade trazida pela Revolução Cubana levou à criação de novos programas de tradução para a América Latina, que desta vez transformaram Jorge Amado em um *bestseller* americano. Este artigo apresenta o papel desempenhado pelo editor Alfred A. Knopf que agiu como um “embaixador informal” no processo acima descrito.

UNITERMOS: Tradução, política; diplomacia; Pan-americanismo; democracia racial.

ABSTRACT: The 1940s and 1960s were important years for the history of Brazilian literature translated into English. The number of translations from Portuguese into English

* Doutoranda da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado de São Paulo. marlytooge@terra.com.br

grew, and interest in translations from Brazil also increased. In the 1940s, the world witnessed the tragic consequences of the Second War. The United States and Brazil carried out business together, but Vargas only stated his support for the USA in 1942. Diplomatic projects created at the time included translation programs for Latin American works, which indirectly led to the dissemination of Gilberto Freyre's ideas of "racial democracy". In the 1960s, the visibility created by the Cuban Revolution led to new translation programs for Latin America, which resulted in Jorge Amado becoming a bestselling author in the US. This article shows the role of the publisher Alfred A. Knopf as an informal "ambassador" in the process described above.

KEYWORDS: *Translation; politics; diplomacy; Pan-Americanism; racial democracy.*

Introdução

Estudos recentes na área de tradução demonstram que a atividade, como um todo, se encontra muito interligada a questões históricas e políticas de nossa sociedade (Tooge 2009). Em meados do século XX, a participação do Brasil na Segunda Grande Guerra fez com que ele fosse incluído nesse cenário. A exemplo de recentes trabalhos na área, tais como os apresentados por Milton (2002, 2004), Euzébio (2004), Alves (2006), Pagano (2001) e Milton & Bandia (2010), este artigo demonstra a interligação entre a atividade de tradução, questões políticas pontuais e a formação da sociedade brasileira. Aqui o enfoque é o período entre a Segunda Guerra Mundial e a Revolução Cubana, sondando a relação entre a atividade de tradução e a representação do Brasil nos Estados Unidos.

Dessa forma, este artigo se propõe a focar e retratar a atuação do editor norte-americano Alfred A. Knopf, reconhecido como figura fundamental para a inserção da literatura latino-americana (Cohn, 2006:143), em especial brasileira, nos Estados Unidos, seus tradutores e demais agentes culturais que o cercaram. É também objetivo deste artigo abordar a relação patronal para

com alguns de nossos escritores, destacando a importância de Gilberto Freyre e Jorge Amado, e a atuação de dois de seus tradutores: Samuel Putnam e Harriet de Onís.

Um editor diferente: Alfred A. Knopf

O fundador e dono da “Alfred A. Knopf Publishers” (mais tarde “Alfred A. Knopf Inc.”) foi responsável pela publicação americana de inúmeras traduções de obras de autores brasileiros, como João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, entre outros. A ele também foram atribuídos os louros, juntamente com a tradutora Harriet de Onís, pelo fato de o número de traduções de obras brasileiras para o idioma inglês ter dobrado na década de 1960 (Armstrong, 1999: 117 e Rostagno, 1997: Ch. 2).

Knopf nasceu em uma família judia de Nova Iorque em 1892 e, após trabalhar por algum tempo como funcionário em editoras, como a Doubleday (1912–13) e a Michael Kennerly (1914), fundou sua própria empresa em 1915. Desde seus primórdios a “Alfred A. Knopf Publishers” foi uma editora interessada na publicação de literatura estrangeira nos Estados Unidos. Inicialmente dirigiu sua atenção para a escrita europeia, “particularmente a russa” (Rostagno, 1997: 31). Como empresário iniciante, Knopf buscava produzir, pela primeira vez nos Estados Unidos, aquilo que até então tinha que ser importado da Inglaterra: literatura em língua inglesa que retratasse a Rússia, o país que integrou a Tríplice Entente, juntamente com a Inglaterra e a França. Vale lembrar que os Estados Unidos também se aliaram à Tríplice Entente durante a Primeira Guerra. O nome “Borzoi Books” – dado a sua coleção de design impecável, se originou desse interesse pela cultura russa.

Mas o editor da Alfred A. Knopf Publishers também se voltava para outras regiões do mundo. E foi então, em 1922, que a editora publicou a obra *Brazilian Literature*, de Isaac Goldberg, uma leitura da época sobre o caráter múltiplo de nosso repertório literário e um elogio aos nossos autores. No prefácio da obra, Goldberg agradecia à Academia Brasileira de Letras – na figura de seu presidente Carlos de Laet –, a Manoel de Oliveira Lima, a

Gilberto Freyre – que na época tinha apenas 22 anos de idade –, a Hélio Lobo – o cônsul brasileiro em Nova Iorque – e aos demais colaboradores americanos envolvidos na publicação.

Todavia, discorrer sobre a “Alfred A. Knopf Publishers” é necessariamente falar sobre “o casal Knopf”: Blanche Knopf, esposa de Alfred, sócia e, a partir de 1921, diretora e vice-presidente da editora, sempre participou da escolha das obras a serem publicadas. Blanche Knopf era, na verdade, uma peça chave nessa seleção. Apresentava grande facilidade em lidar com questões literárias, comerciais e políticas. Logo de início, depositou sua atenção sobre a literatura afro-americana da Nova Iorque dos anos 20, o “Harlem Renaissance”, revelando um compromisso da editora com escritores negros. Blanche trocou vasta correspondência com o poeta negro Langston Hughes, criando com ele um vínculo especial¹. O valor que Blanche atribuía à cultura africana ia ao encontro daquele demonstrado pelo sociólogo Gilberto Freyre. Da mesma forma, o interesse de Alfred por parques nacionais (Knopf 1965: 173-190) e pela preservação da natureza também era compatível com as ideias de conservação da natureza expressadas (Duarte, 2005) pelo sociólogo em algumas de suas obras. Além disso, o interesse de Blanche pelo Brasil e a amizade do casal Knopf com Gilberto Freyre contribuíram para a existência da atual biblioteca Blanche Knopf, na Fundação Joaquim Nabuco – reduto cultural de Gilberto Freyre no Recife.

É importante ressaltar que a “Alfred A. Knopf Publishers” publicava tanto literatura americana como livros traduzidos, que incluíam autores como André Gide, Kafka, Jean-Paul Sartre, Thomas Mann, Ilya Ehrenburg, Mikhail Sholokhov, Ezra Pound, Simone de Beauvoir, Albert Camus, Khalil Gibran, Elizabeth Bowen, Pablo Neruda, Gabriel García Márquez e Sigmund Freud, entre muitos outros. Observando a relação de autores da “Knopf”, percebemos o grande número de países dos quais a editora tra-

¹ A correspondência entre eles pode ser acessada no Harry Ransom Humanities Research Center da Universidade do Texas. O site da HRC está disponível em: <http://www.hrc.utexas.edu/research/fa/aakhist.html> em 19/11/2007.

zia obras a serem traduzidas: já na década de 1960 ela incluía mais de 25 países (Fadman, 1965: XX-XXVI).

Nem mesmo as tensões políticas pareciam impedir as constantes viagens em busca de autores estrangeiros. A Sra. Knopf, mesmo fazendo parte da comunidade judia, esteve na Alemanha pouco antes da Segunda Guerra. Em uma entrevista ao *New York Times* (Blanche Knopf, *The New York Times*. Edição de 14 de julho de 1936²) após ter visitado aquele país, Blanche Knopf dava o seguinte depoimento: “There is not a German writer left in Germany who is worth thinking about. The gifted writers and enterprising publishers who had any independence had left Germany. Only the Nazi writers and publishers remain so as to please the Nazi government”.

E foi, então, com a Segunda Guerra Mundial, quando os bloqueios bélicos dificultaram o intercâmbio editorial, que a América Latina se tornou uma fonte de literatura estrangeira interessante para Knopf. Mais do que isso, a guerra criara a necessidade de alianças políticas entre os Estados Unidos e seus vizinhos. Verbas foram oferecidas pelo Departamento de Estado do governo americano às editoras universitárias e particulares, estando Nelson Rockefeller à frente do programa cultural da política de boa vizinhança e encabeçando “The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs”. Knopf teve então a oportunidade de ser também patrocinado, pelo Departamento de Estado Norte Americano, para vir à América Latina buscar escritores para seu já existente projeto de tradução – um esquema agora vinculado àquela política de Boa Vizinhança do governo Roosevelt (ver também Rostagno, 1997: 31-58).

Foi assim que Blanche Knopf iniciou o que ela chamaria de “Literary Roundup”, um “tour” pela América Latina em busca de obras que representassem os vizinhos do sul. Em 1942, Blanche chegava ao Brasil para, enfim, assinar os contratos de publicação das obras de Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*), Jorge Amado (*Terras do Sem Fim*) e Graciliano Ramos (*Angústia*). As escolhas de Blanche demonstravam o objetivo de

² Informação disponível na *Jewish Virtual Library* em <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/biography/knopf.html> acesso 20/07/2009.

publicar obras de caráter político ou ensaios que descrevessem a história do Brasil.

Vale lembrar que no ano em que Blanche esteve no Brasil (1942), a União Soviética e os Estados Unidos ainda mantinham relações diplomáticas em função da Segunda Guerra Mundial, lutando ambos contra as nações do “eixo”. Assim, os comunistas também combatiam o nazismo e o fascismo. Nesse mesmo ano, Getúlio Vargas decretou guerra contra os países do Eixo, após suspeitas de que navios brasileiros que naufragaram no Nordeste tivessem sido atacados por submarinos alemães. Muitos dos intelectuais brasileiros comunistas que estavam no exílio voltaram ao Brasil para apoiar Getúlio Vargas contra o nazismo. O escritor Jorge Amado, que na época era um grande defensor dos ideais comunistas, voltou de seu exílio na Argentina, sendo preso ao chegar a Porto Alegre, mas libertado no Rio de Janeiro dois meses depois (Amado, 1992: 356 e Rubim & Carneiro, 1992: 39). Foi o momento em que, em decorrência do ataque de Hitler a URSS, as divergências ideológicas entre capitalistas e comunistas foram colocadas em segundo plano. Nos Estados Unidos a proibição de publicações de obras comunistas só aconteceria, então, mais tarde, após o início da Guerra Fria.

Um forte motive: alianças pela paz

A época da Segunda Guerra Mundial foi um período de grande influência americana na cultura e na sociedade brasileira³, destacando-se o papel da política de Boa Vizinhança de Roosevelt⁴. Não cabe aqui relatar em detalhes todos os acontecimentos da época, mas é importante relembrar que, juntamente com uma série de negociações estratégicas e militares (i.e. disputa por bases militares no nordeste do Brasil), comerciais (co-

³ Apesar de os Estados Unidos terem entrado na Guerra em 1941 e o Brasil em 1942. Na verdade, a criação da primeira embaixada brasileira em Washington, por meio da política externa do Barão do Rio Branco, em 1905, já apontava para essa tendência de aproximação com os Estados Unidos. (Pereira, 2005: 1)

⁴ Para um relato mais detalhado, ver Tota (2000).

mercionalização de bauxita, borracha, níquel e ferro, e o financiamento para a construção da siderúrgica de Volta Redonda em troca do apoio do Brasil na guerra), houve na época toda uma forte política cultural americana de combate ao nazismo na América Latina. Tal política teve como expoente maior o já mencionado milionário Nelson Rockefeller, à frente das relações internacionais com a região. Vários foram os ícones culturais criados na época para representar o Brasil. O exotismo de Carmen Miranda faria da cantora a embaixadora musical e “hollywoodiana” da república das “bananas” nos Estados Unidos. Em visita patrocinada pelo Departamento de Estado, Walt Disney criou Panchito (representando o México) e Zé Carioca (representando o Brasil), para contracenarem com o “amigo” Pato Donald (representando os Estados Unidos). E foi justamente o Nordeste, a região brasileira mais cobiçada para fins geoestratégicos⁵, que inspirou o filme de Disney que trazia o Zé Carioca como um dos protagonistas: “Você já foi à Bahia?” Segundo Marcio Siwi, da Universidade do Texas, Nelson Rockefeller empreendia grandes esforços para que tanto a imagem dos Estados Unidos no Brasil, quanto a do país do Zé Carioca nos Estados Unidos fossem extremamente positivas (Siwi, 2007). Um esforço que, ao tentar quebrar antigos estereótipos, criava outros. O simpático papagaio se tornou o símbolo cordial, malandro e vagabundo para um povo que sempre admirou a figura do “self-made man”.

Não foi apenas na indústria de música e de filmes que o intercâmbio cultural ocorreu. Nas letras a interação também existiu e, como veremos a seguir, a tradução também fez parte desse “pacote de medidas” visando reforçar os laços de amizade entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas.

⁵ O nordeste também abrigou a maior base militar americana fora de seu próprio território: a “Parnamirim Field”, em Natal-RN. Já as regiões sudeste e principalmente sul, onde colônias italianas e alemãs eram vistas como inclinadas a aderir às ideias fascistas e nazistas, o interesse do OCIAA era manter o controle das comunicações. Para maiores detalhes ver: TOTA (2000: 84-90).

Samuel Putnam: um tradutor brasilianista

Vários estudos internacionais mencionam o caráter deficitário e arriscado de traduzir obras da América Latina e levá-las para os Estados Unidos (ver Cohn, 2006: 101; Cohn, 2003: 161; Rostagno, 1997: 33; e Putnam, 1948: IX). O sistema literário americano sempre foi muito resistente a trabalhos oriundos de países menos desenvolvidos e de autores desconhecidos. A inserção da literatura latino-americana teria de depender, necessariamente, de subsídios governamentais ou provenientes de instituições filantrópicas. No início da década de 1940, o patrono oficial para esse tipo de projeto foi o Departamento de Estado Americano⁶. A atividade de tradução literária era, assim, utilizada como instrumento político para forjar alianças.

Além da resistência à literatura estrangeira, o desconhecimento sobre a cultura latino-americana e a falta de tradutores experientes, que no caso do português falado no Brasil era ainda mais grave, também eram impedimentos fortes. Tais entraves foram evidenciados no estudo de Irene Rostagno (1997), um dos mais recentes sobre as traduções de obras latino-americanas levadas aos EUA. A pesquisadora descreve o trabalho de Samuel Putnam com *The Violent Land (Terras do Sem Fim)* e *The Masters and the Slaves (Casa Grande & Senzala)* como “raridades num campo caracterizado por mediocridade”⁷. Rostagno não deixa claro, no entanto, o porquê de tal opinião a respeito dos

⁶ Mesmo antes da criação do Gabinete de Rockefeller (o OCIAA-Office of the Coordinator of Interamerican Affairs), em 1940, o jornal *The New York Times* de 30 de dezembro de 1939 já trazia uma nota anunciando que o Departamento de Estado passava a incentivar, através de um projeto na Universidade de Cleveland, a publicação de traduções de baixo custo, por meio de trabalho voluntário e renúncia de direitos autorais, para trazer o produto da escrita dos países latino-americanos ao público norte-americano. Era a fórmula para expandir as relações culturais e o entendimento mútuo.

⁷ “Apparently the greatest problem facing a publisher of Latin America literature was to find the right translators. Samuel Putnam’s skilful renderings of Amado’s *The Violent Land* and Gilberto Freyre’s *The Masters and the Slaves* were rarities in a field characterized by mediocrity” (...).

demais tradutores. Seja como for, é sabido que encontrar tradutores do idioma português nos Estados Unidos era realmente complicado, principalmente porque a norma geral para traduções literárias era a de não contratar tradutores que não fossem nativos do idioma de chegada, e na época o número de pessoas que conheciam o idioma português era bem menor do que hoje.

No caso de Putnam, ele não apenas era um tradutor nativo no idioma inglês, como também era um “brasileianista”. Após ter vivido na França, na época da Grande Depressão⁸, Putnam se tornara adepto do comunismo. Foi também na Europa que Putnam sofreu a influência de Fidelino Figueiredo, que o aconselhou a viajar para o Brasil e conhecer nossa “interessante literatura” (Gardiner 1970). Daí por diante, Putnam nunca mais se desligaria da literatura brasileira, e seu sonho passaria a ser a publicação de sua história. Atuando inicialmente como crítico literário de obras brasileiras, Putnam escreveu vários ensaios e artigos sobre a variada produção literária do Brasil, muitos dos quais foram publicados no *Handbook of Latin American Studies*⁹. Além disso, Putnam contribuiu com artigos e críticas literárias para o *The New York Times* por duas décadas¹⁰. O autor-tradutor também fazia crítica literária de obras brasileiras, indicando-as ou não para tradução. Isso o pôs, finalmente, em contato com Alfred A. Knopf. O título *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, causou-lhe entusiasmo, um sentimento que compartilhava com Blanche Knopf. Esta, por sua vez, o convidou a realizar a tradução daquela obra para a editora. Em seguida, Blanche o convidaria a traduzir também *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, o que fez de Putnam o tradutor de grandes ensaios sobre nossa história e daquele que era considerado na época¹¹

⁸ Putnam se mudou para a França em 1926, mas teve de retornar aos Estados Unidos em 1933, forçado pelas dificuldades decorrentes da “Depressão” (Gardiner, 1970: VII).

⁹ As informações a seguir sobre Samuel Putnam e os Knopf foram extraídas de Gardiner (1971).

¹⁰ *The New York Times* de 18 de Janeiro de 1950 – obituário de Samuel Putnam.

¹¹ Hoje, as opiniões se dividem entre as obras publicadas mais tardiamente. *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) foi aclamada internacionalmente,

um dos melhores romances de Jorge Amado (Costa 1991: 2). Vale lembrar que ambos, Amado e seu tradutor, ainda se alinhavam na ideologia comunista à época da tradução de *Terras do Sem Fim*, compartilhando assim, momentaneamente, ideais políticos¹².

Com o final da guerra e dos subsídios governamentais para as traduções, Putnam reavivaria seu antigo sonho de publicar uma antologia sobre a literatura brasileira. Sonho que realizou em 1948, por meio da agora Alfred A. Knopf Inc. O livro *Marvelous Journey: Four Centuries of Brazilian Literature* (Putnam 1948) apresentava a seguinte dedicatória: *To my "Second Fatherland", Brazil, and to all my innumerable Brazilian friends who made my visit of 1946 truly a "Viagem Maravilhosa"*.

No prefácio dessa mesma obra, Putnam ressalta o pequeno número de obras literárias brasileiras existentes no idioma inglês à época. Lamentando o fato, o tradutor credita o conhecimento dos americanos sobre a literatura em português, ainda que pequeno, aos esforços do "Coordinator of Inter-American Affairs, Nelson Rockefeller". Putnam destaca ainda a atuação dos especialistas (presume-se que se refira aos tradutores) e do editor, Alfred A. Knopf, mencionando "perdas financeiras" deste durante o processo de publicação das obras brasileiras. O brasilianista lamenta ainda perceber sinais de que, findas as hostilidades da Guerra, o público americano já mostrava sinais de queda no interesse pela literatura latino-americana:

(...) but now that hostilities have ended, there are already signs of a distinct letdown of public interest; and the fact of the matter is that even during the war Latin American books sold in discouragingly small quantities.

Putnam já constatava o que pouco adiante seria fatal: com o final da Guerra, a necessidade de reconstruir a Europa e mais tarde a invasões da Coréia e da Alemanha, a população ameri-

enquanto *Tenda dos Milagres* (1969) é uma das obras mais presentes nos estudos acadêmicos.

¹² Putnam deixou o Partido Comunista por volta de 1944 e Jorge Amado em 1957, ambos desiludidos com os caminhos do comunismo mundial.

cana, e também seu governo, novamente se desinteressariam pelo Brasil e pela América Latina. Enquanto o Brasil ainda esperava sua recompensa por ter sido o único país latino-americano a enviar tropas para lutar na guerra, os governantes americanos se distanciavam da política de boa vizinhança. O Plano Marshall não previa ajuda financeira aos países Latino-Americanos¹³. A atenção dedicada a nossa cultura também diminuía. Somente uma instabilidade local, a Revolução Cubana, anos mais tarde, traria de volta a visibilidade dos “bons vizinhos”. Mas um fenômeno interessante manteria o “cordão umbilical” entre os primeiros projetos de tradução e aqueles que surgiram novamente durante a Revolução Cubana. Foram as reminiscências da política de boa vizinhança fora do principal escopo governamental americano.

Os resíduos da “boa vontade”

No período da Guerra Fria, alguns empresários americanos mantiveram seu interesse pelo Brasil e pela América Latina. Foi o caso do próprio Nelson Rockefeller, cuja obstinação não lhe permitia aceitar o abandono de seu projeto e agora agia por meio das fundações filantrópicas de sua família e de sua política de corporativismo. Henry Kaiser foi outro nome que pertenceu a essa lista de empresários (Cobbs, 1992). E por fim, os Knopfs também foram membros desse grupo que não desistiu da América Latina e em especial do Brasil, como constata novamente Rostagno:

For a short time, the works Mrs. Knopf selected fed the officially promoted U.S. appetite for things Latin American, but soon after the war, public interest evaporated. Not so the Knopfs whose allegiance to Latin American literature remained steadfast, despite an end to the “good neighbor euphoria” (Rostagno, 1997: 33).

A princípio, a ideia de lealdade desses empresários era, mais exatamente, parte de toda uma ideologia que se baseava

¹³ Para as relações internacionais Brasil-Estados Unidos a partir de 1950, ver Vizentini (1994).

na formação de alianças políticas e, posteriormente, econômicas. Alianças que assegurassem a estabilidade na região. Uma movimentação contra guerras e a favor da tolerância e da cordialidade. Era a manutenção de um projeto ideológico que se confirmava nas palavras de vários de seus participantes. Entre eles, o próprio Samuel Putnam...

It would be deplorable, and dangerous to our national welfare, if we were to fall back into our old attitude of indifference. The emergency is not over; there is a new and democratic world to be built, and in this task the Americas must draw ever closer to each other. It is with the object of making what I believe to be a needed contribution to Brazilian-North American friendship upon the cultural plane that the present book is undertaken. (Putnam, 1948: X)

E também na atitude de Alfred A. Knopf...

The Knopfs often lamented American lack of interest in things Brazilian. Alfred Knopf's main complaint was that rarely did the press "rush to review favorably or not [his] Brazilian books (Knopf apud Rostagno, 1997:35).

Nos anos que seguiram a Segunda Guerra, Knopf continuou a publicar obras da América Latina. Gilberto Freyre foi o autor brasileiro que mais figurou na relação de publicações da Alfred A. Knopf na década de 1950. Em 1956 a Knopf já tinha publicado a segunda edição de *The Masters and the Slaves (Casa Grande e Senzala)*. *New World in the Tropics* foi publicado em 1959. Na verdade, nem esta publicação, nem *Brazil: An Interpretation* (publicada em 1945), também de Freyre, foram livros traduzidos para o inglês, mas sim escritos diretamente naquele idioma.

E é a partir daí que vemos uma nova relação surgir entre Alfred A. Knopf e o Brasil: um interesse pessoal singular. Os relatos são de que, logo que veio ao Brasil, Alfred A. Knopf teria se "apaixonado pelo país". Anteriormente, quando Blanche Knopf veio ao Brasil pela primeira vez em 1942, o país já chamou sua

atenção por ser um ambiente mais variado e hospitaleiro do que o restante da América Latina (Rostagno, 1997: 43). Blanche passou a incentivar a publicação da literatura brasileira pela editora. Por isso, Blanche Knopf recebeu o título de “Cavaleiro da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” em 1950 (Mrs. Knopf Honored. *The New York Times*. 3 de novembro de 1950) e em 1964¹⁴ foi promovida à categoria de “Oficial” dessa ordem. Alfred A. Knopf, em pessoa, fez sua primeira viagem ao Brasil somente em 1961, e a partir de então, seu interesse pelo país também se intensificou, assim como suas visitas à região. Agora a Revolução Cubana já trazia um novo impulso às traduções latino-americanas. Enquanto isso, a postura da cordialidade era posta em prática à risca no dia a dia de Knopf. A “política da amizade” já fazia parte da vida do próprio editor. Gilberto Freyre e Jorge Amado figuraram na lista de “amigos dos Knopf”¹⁵. A partir de sua primeira viagem ao Brasil, Knopf passou a se corresponder constantemente com escritores, editores e tradutores no Brasil, entre eles Gilberto Freyre, Jorge Amado, o editor Alfredo Machado, a tradutora Bárbara Shelby Merello (a serviço no Consulado Americano no Rio de Janeiro). Blanche e Alfred A. Knopf foram ainda padrinhos de batismo da primeira neta de Freyre. O sociólogo brasileiro deu o nome de “Biblioteca Blanche Knopf” à biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco, de sua propriedade, no Recife.

Na década de 1960, Alfred A. Knopf já se tornara um “embaixador extraoficial para assuntos referentes ao Brasil” (Rostagno, 1997: 35), manifestando-se perante a imprensa, instituições financeiras e em eventos internacionais contra a pouca importância dispensada a aquele que seria no futuro “um país tão importante quanto todas as nações hispano-americanas juntas” (Rostagno, 1997: 35).

Após a morte de Blanche em 1966, Knopf se casou com a escritora Helen Hedrick (em 1967) no Rio de Janeiro.

¹⁴ Arquivos do “Harry Ransom Humanities Center” disponíveis em: <http://www.hrc.utexas.edu/research/fa/knopf.append.html>, último acesso 25/04/2008.

¹⁵ Ao se tornar amigo de Alfred A. Knopf, Jorge Amado já havia abandonado o comunismo.

ro na capela da casa do embaixador brasileiro, Mauricio Nabuco¹⁶.

Também no período da Guerra Fria a ideia de “democracia racial” anunciada por Freyre já cumpria um papel de destaque junto ao projeto da UNESCO no Brasil, cujo objetivo era estudar as relações raciais no país (Maio 1999: 143). Após o genocídio praticado durante a Segunda Guerra, “a UNESCO foi criada tendo como um de seus principais objetivos tornar inteligível o conflito internacional e sua consequência mais perversa, o Holocausto” (Maio, 1999: 143; Maio, 1998: 383-405). Assim, a UNESCO realizou uma reunião de cientistas em 1948 para debater a questão do racismo. Freyre fora convidado a participar e aproveitou para apresentar sua pesquisa, documentada em *Casa Grande e Senzala* (Freyre 1933). Em seguida, a UNESCO escolheu o Brasil para sediar “uma ampla pesquisa sobre os aspectos que influenciariam ou não a existência de um ambiente de relações cooperativas entre raças e grupos étnicos, com o objetivo de oferecer ao mundo uma nova consciência política que primasse pela harmonia entre as raças” (Main, 1999: 143).

Por estar envolvido com sua carreira de deputado pela UDN¹⁷ no Brasil, Freyre declina do convite da UNESCO para ajudar a delinear projeto no Brasil. Arthur Ramos é então convidado a fazê-lo: o plano de Arthur Ramos previa não apenas o programa contra o analfabetismo implantado pela UNESCO, mas também um programa de estudo e integração dos grupos negros e indígenas ao mundo moderno:

Para Arthur Ramos, o tema das relações raciais assumia um lugar privilegiado para a percepção e análise dos desafios da transição do tradicional para o moderno, do cenário de significativas desigualdades sociais e raciais, da

¹⁶ Maurício Nabuco era filho de Joaquim Nabuco. A notícia do casamento foi documentada no *The New York Times* de 21 de abril de 1967.

¹⁷ A União Democrática Nacional (UDN) foi um partido político brasileiro fundado em 7 de abril de 1945. Em sua fundação caracterizava-se por fazer oposição a Getúlio Vargas, ficando conhecido mais tarde como um partido de “direita”.

diversidade regional e da busca em conformar, em definitivo, uma identidade nacional (Maio, 1999: 143).

Mesmo com a morte de Arthur Ramos em meados de 1949, seu projeto foi aprovado pela UNESCO em 1950 e levado a cabo nos anos seguintes.

Já Freyre não poupou esforços em divulgar suas teorias de “democracia racial”. O livro *Palavras Repatriadas*, organizado por Edison Nery da Fonseca (2003) traz uma coletânea dos textos que Freyre utilizou na divulgação internacional de suas ideias. Por meio de artigos para universidades, instituições americanas, europeias e textos elaborados para a UNESCO, Freyre continuou defendendo o Brasil como um exemplo a ser seguido no tocante à mistura de raças e interpenetração cultural (Freyre, 1933).

A adoção de *Casa Grande e Senzala* como uma das grandes fontes de informações históricas sobre o Brasil é mencionada pelo acadêmico A.J.R. Russell-Wood, da “Duke University”:

Finally, homage should be paid to Alfred A. Knopf, who took as his mission the dissemination of knowledge about Brazil in the United States through translations and who, in the Borzoi series, made available to students sources for Brazilian history. As translator and publisher of “Casa Grande e Senzala” (Rio de Janeiro, 1933) Samuel Putman and Knopf presented to North American readers what, for many, still is the only readily identifiable book on Brazilian history by a Brazilian, and one that was to be cornerstone, (...) (Russell-Wood, 1985: 703).

A fórmula de “democracia racial” era, em vários níveis, também conciliadora. Amenizava o conflito entre as raças através do elogio à mestiçagem. Trazia uma imagem de um país tolerante, suavizando tensões entre dominadores e dominados¹⁸, por meio de sua “harmonia de contrastes”. Formavam uma utopia que foi muito debatida e combatida por vários outros historiadores, sociólogos e antropólogos (ver Bastide e Fernandes 1955, e

¹⁸ Um exemplo dessa visão encontra-se em Fonseca (1987).

Hasenbalg 1979). Mas era, antes de tudo, uma resposta às correntes eugênicas do começo do século.

Ironicamente, quem Freyre elegeu para servir de comparação com o Brasil foram justamente os Estados Unidos, onde ele havia escrito sua dissertação e iniciado seus estudos sobre o Brasil. Para ele, entre todas as “qualidades” das quais os americanos podiam se gabar, não estava a da igualdade racial¹⁹. Enquanto isso, a utópica crença de que o Brasil era o país da “democracia racial” invadia o imaginário de importantes instituições mundiais, enquanto o próprio Gilberto Freyre proferia palestras em universidades estrangeiras e escrevia artigos para publicações internacionais, parte do que está retratado na coletânea de Edson Nery da Fonseca, *Palavras Repatriadas* (2003).

Como vimos, a tradução de *Casa Grande & Senzala* de Freyre só foi lançada nos Estados Unidos em 1946, após o final da Segunda Guerra, com a reescrita de Putnam. O livro havia gerado polêmica no Brasil e, em menor grau, na Europa. A obra, cuja primeira edição teve pequeno impacto nos Estados Unidos, foi reeditada em 1956, após o projeto da UNESCO no Brasil e a divulgação de Freyre em várias instituições de ensino e/ou científicas. Agora com maior aceitação nos círculos acadêmicos americanos (Rostagno, 1997:41). Mesmo assim, Freyre reclamava da melhor recepção europeia ao seu trabalho:

I am also inclined to think that European critics are considering my books from an angle that is not the same from which the same books are being considered by most American critics – as a rule, specialists in Latin American subjects. For the Europeans (Febre... Gabriel Marcel...²⁰) my books are to be taken as something more than Latin American or Brazilian Studies... European critics take my books as books that deal with particularities... of universal human problems (Freyre apud Rostagno, 1997: 41).

¹⁹ Em alguns estados dos Estados Unidos os casamentos inter-raciais chegaram a ser proibidos por lei.

²⁰ Rostagno não especifica quem seria “Febre”, mas sabe-se que Gabriel Marcel (Paris, 7 de dezembro de 1889 – Paris, 8 de outubro de 1973) foi autor e crítico teatral, além de filósofo e existencialista cristão.

Mas mesmo com a boa recepção de seu trabalho após a publicação de *Sobrados e Mucambos* em inglês, Freyre sempre se viu, segundo o que conta Rostagno, como um “excluído” dos círculos intelectuais americanos, já que acreditava que os intelectuais europeus demonstravam maior interesse por sua obras (Rostagno, 1997: 41).

Freyre tecia também duras críticas à forma como a tradutora Harriet de Onís “não compreendia” as “implicações de sua escolaridade” e alegava que ela via nele apenas um historiador social (Rostagno, 1997: 41). Dono de uma conhecida vaidade²¹, Freyre cobrava o reconhecimento de sua intelectualidade, mas o que nos interessa aqui é que as cobranças de Freyre fizeram com que Knopf tivesse constantemente que renovar seu apoio ao autor:

I do not play favorites among my Brazilian authors... I love you and while I have done my best to promote Amado and Guimarães Rosa as novelists, I have never referred to them in anything like the terms I habitually use when I speak of you (Carta de Knopf a Freyre, em Rostagno 1997:42).

O que o trecho acima revela é mais do que uma boa vontade, é uma agência cultural, uma “nova embaixada” que objetivava agora não apenas a boa vizinhança, mas ideais de antirracismo.

Harriet de Onís e a renovação da embaixada

Após a morte de Samuel Putnam, em 1950, a principal tradutora da Knopf Inc. passaria a ser Harriet de Onís, esposa de um ex-professor de literatura espanhola da Universidade de

²¹ Várias fontes mencionam o caráter vaidoso de Freyre. Um exemplo é a entrevista dada por Edson Nery da Fonseca, em 13 de dezembro de 2007, à fundação Joaquim Nabuco (instituição criada pelo próprio Freyre), disponível em <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=1364&textCode=10008&date=currentDate>, último acesso 6/03/2009.

Salamanca. Logo ela passaria de simples tradutora a conselheira e “caça talentos” (scout) dos Knopf.

Harriet de Onís alegava que, assim como Knopf, também ela teria se “apaixonado pelo Brasil” (Knopf, 1965: vol. 2: 203). Em suas palavras, a metáfora sobre o papel de Knopf e seu projeto no Brasil migraria da “Política da Boa Vizinhança” para a “Aliança para o Progresso”²². Com as mudanças nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Doutrina Truman e a gestão de Eisenhower, que desviaram os recursos e a atenção para a Europa e a Ásia, o setor editorial em geral deixou a América Latina em segundo plano. A era Kennedy e o abalo das relações internacionais traziam outros ventos para o intercâmbio cultural entre os países americanos. Era uma nova versão do antigo caráter diplomático atribuído aos projetos de aliança por meio da literatura traduzida. Esse foi o caráter retratado por De Onís:

(...) it was not until around 1945 that I became an almost permanent member of the Knopf establishment. This was due in large measure to Blanche and Alfred’s heightened interest in Latin America, following her trip there in 1942 under the auspices of the State Department. (...) But our really close association dates from Alfred’s love affair with Brazil, which has all the air of an indissoluble attachment. (...) Then in 1961 Alfred visited Brazil, and like many other Americans, including myself, lost his heart to it. (...) He has become a one-man Alliance for Progress. (De Onís in Knopf, 1965:202-203 – v. 2).

A nova tradutora gozava da total confiança dos Knopf (De Onís in Knopf, 1965:202-203 – v. 2). Ela própria confirmaria a continuidade da importância dada à tradução como instrumento de aliança, anos mais tarde, ao buscar publicidade para a obra traduzida de Jorge Amado, que após esse autor deixar o Partido Comunista se tornou um *bestseller* americano, com a publicação de *Gabriela, Clove and Cinnamon* (1962):

²² A “Aliança para o Progresso” foi um programa de ajuda econômica e social à América Latina, criado no governo Kennedy, em 1960, com o intuito de combater a interferência da Revolução Cubana na região.

It seems to me so important at this moment for the book to have good coverage, first of all, because of its intrinsic value, and because every Latin American writer who receives due recognition at our hands is a potential ally. I don't have to tell you how much more important a role writers play in influencing public opinion there than on our side of the border (De Onís in Cohn, 2003: 96).

O que De Onís defende agora é que todo escritor é um formador de opinião em seu próprio país e que seu apoio perante a opinião pública era muito importante.

Devemos lembrar, ainda, que o início da década de 1960 foi um período de tensão política, em que o governo de Jânio Quadros defendia a independência brasileira e cubana nos assuntos internacionais. O ministro das Relações Internacionais do Brasil no começo da década de 1960 defendia o direito de Cuba à autodeterminação, opondo-se a qualquer intervenção estrangeira (“Aid Without Strings”. *The New York Times*. 20 de maio de 1961). A adoção de um regime comunista no Brasil era um medo real.

Em 1967, De Onís recebeu o “P.E.N. award” (Poets, Playwrights, Essayists, Editors, and Novelists American Center) pela tradução de *Sagarana* (Rosa 1946), lançada por Knopf em 1966. Ao receber o prêmio, a tradutora fez um apelo a escritores e tradutores para que prestassem mais atenção à literatura latino-americana, como uma forma de melhorar o entendimento mútuo no hemisfério ocidental. De Onís afirmou ainda que os escritores latino-americanos refletiam o que 200 milhões de pessoas tão próximas aos Estados Unidos pensavam, sentiam, aceitavam ou rejeitavam, e que o país ainda não tinha nem chegado perto de reconhecer sua importância (Raymont, Henry. “Harriet de Onís Gets Book Prize: Translator of 40 Works Is Honored by P.E.N. Club” *The New York Times* de 9 de maio de 1967).

O Brasil de Knopf e as traduções em inglês

É importante ressaltar ainda os esforços de Knopf para divulgar a obra de Guimarães Rosa nos Estados Unidos, na década-

da de 1960. Knopf e De Onís reconheciam o grande valor literário do autor mineiro e foram responsáveis também pela introdução sua obra nos Estados Unidos. Traduzir o estilo de Rosa, no entanto, era um trabalho árduo e complexo e, apesar do reconhecimento da crítica jornalística americana, os livros de Rosa eram de difícil assimilação pelo público americano. Comparado a Joyce pelos críticos do “The New York Times”, Rosa teve vários títulos publicados por Knopf. Nenhum deles obteve sucesso comercial e os tradutores, em geral, acabavam no banco dos réus (Rostagno, 1997: 42-47). Um exemplo disso foi o artigo publicado no *Los Angeles Times* em 28 de abril de 1963, com o título “Romance Recente de Brasileiro Perde Poder Poético na Tradução”. Nele, o crítico lamentava que a parte mais notável da obra, seu extraordinário e habilidoso manejo da linguagem, “inventivo, dinâmico flexível e sugestivo”, aparecia de forma vaga ao leitor americano, “se [é que] aparecia”.

Então, a partir de 1961, Knopf passou a apoiar intensamente as publicações dos romances de Jorge Amado e com o passar dos anos seus laços de amizade se estreitariam cada vez mais. *Gabriela*, traduzido por William Grossman e James L. Taylor, rapidamente entrou para a lista de *bestsellers* do *The New York Times* e lá permaneceu por quase um ano. (Hamilton, 2007: 181). A tradução de James L. Taylor, que a princípio não agradou a Knopf, foi revista a pedido do editor por William Grossman (Rostagno, 1997: 38). Foi, então, apresentada no “The New York Times” de 12 de setembro de 1962, por meio da crítica de Juan de Onís, filho de Harriet de Onís. Ele anunciava o romance como a obra de um autor decepcionado com o comunismo, numa tradução “elegante e genial por superar os problemas impostos pelo uso feito por Jorge Amado da linguagem vernácula e de dialeto”²³. Não podemos deixar de reconhecer, no entanto, que no decorrer de décadas, os Knopf e sua equipe lutaram para combater a apatia do público americano quanto à literatura bra-

²³ O trabalho não foi visto com os mesmos “bons olhos” pelos estudiosos da Universidade Federal da Bahia. A “superação” dos autores foi percebida como uma domesticação exagerada, repleta de omissões e simplificações”, onde as “perdas” geraram a banalização da obra.

sileira. Com as obras de Freyre sendo inseridas nos ambientes universitários e *Gabriela* de Jorge Amado se tornando um *bestseller*, Knopf cumpria seu papel de “embaixador”. Também com isso, essências e aromas da mestiçagem passavam a atrair as atenções não apenas dos meios acadêmicos, mas também do público leitor americano em geral. Knopf e sua equipe formaram um grupo de agentes da tradução, empenhados em refletir imagens positivas do Brasil dentro dos Estados Unidos. Atuavam contagiados pelo lema da “Boa Vizinhança” e encantados com as imagens exóticas inseridos no *locus* da mestiçagem freyreana. E aí também vemos a marca que o gosto pessoal dos Knopf imprimia em suas escolhas: uma visão do Brasil muito influenciada pelo “compadre” Freyre e que também resumia as qualidades do país ao exótico e mitológico imaginário freyreano. Uma situação previsível, já que tanto na atividade tradutória, quanto no processo de representação cultural, o reducionismo e o caráter metonímico parecem ser inevitáveis.

De uma forma ou de outra, nem os esforços do editor, nem a divulgação dos tradutores, conseguiu vencer a resistência a novas ideias ou manifestações culturais. Dos diversos romances de Jorge Amado traduzidos para o inglês pela equipe Knopf, poucos foram comercialmente bem sucedidos nos Estados Unidos. *Gabriela* e *Dona Flor* foram os que obtiveram melhor recepção por serem consideradas obras com menor “tom político” (Rostagno, 1997: 38-39). A crítica de *Dona Flor* no *The New York Times* comentava que, com aquela publicação, Stálin devia estar “se revirando no caixão”²⁴ e enfatiza o caráter místico, sensual e “apolítico” (ênfase nossa) da obra (Walter Clemons, *The New York Times* de 14 de agosto de 1969). Um dos “efeitos colaterais” da restrição a obras de caráter político seria a renovação de antigos estereótipos e o apagamento de possíveis questionamentos sociais mais profundos: a versão *bestseller* de *Gabriela* ressuscitava o mito da mulher sensual vivido por Carmem Miranda. A personagem Gabriela foi comparada pela crítica jornalística à Gina

²⁴ Não devemos esquecer que o escritor baiano foi, por um período determinado, um fervoroso stalinista, mostrando isso em romances como *Subterrâneos da Liberdade* (1954) e *O Mundo da Paz* (1951).

Lollobrigida e Sophia Loren, ou a uma promessa ao mesmo estrelato:

If its other translations are as expertly smooth, racy and natural as the English translation by James L. Taylor and William Grossman, Mr. Amado's "cinnamon-colored" heroine has a chance of becoming as internationally famous as those other Latin charmers, Gina Lollobrigida and Sophia Loren ("The New York Times" de 12 de setembro de 1962).

Na visão de Irene Rostagno (1997:38), Gabriela foi lida, na época, como a versão tropical de "Cinderela", uma imagem mais incongruente ainda, uma vez que Gabriela se recusava a se comportar como uma "dama da sociedade". Já com a publicação de *Dona Flor*, a chama carnavalesca se reacenderia e traria de volta, por meio da imagem "malandra e vagabunda" de Vadinho, as memórias do exótico amigo Zé Carioca. As antigas imagens não seriam tão facilmente eliminadas.

Knopf continuou publicando as obras de Jorge Amado e o apoiando até seu desligamento total das atividades da editora. A partir de então o nome do escritor se unia aos dos demais autores brasileiros que figuravam mais frequentemente nos círculos de estudos acadêmicos do que em meio ao público leitor em geral²⁵. Knopf faleceu em 1984, deixando para trás uma longa his-

²⁵ Após a morte de Alfred Knopf, ainda houve edições em inglês de:
Jubiabá => *Jubiabá*, trans. by Margaret A. Neves New York: Avon Books, 1984.
Mar morto => *Sea of Death*, trans. by Gregory Rabassa – New York: Avon Books, 1984.
Farda, fardão, camisola de dormir => *Pen, Sword, Camisole: A Fable to Kindle [a] Hope*, trans. by Helen Lane
 New York: Godine, 1985 & New York: Avon Books, 1986.
Tocaia Grande => *Showdown*, trans. by Gregory Rabassa New York: Bantam Books, 1988.
Capitães da areia => *Captains of the Sand*, trans. by Gregory Rabassa New York: Avon Books, 1988.
 FONTE: BARBOSA, Heloisa Gonçalves. (1994) *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. University of Warwick, Warwick, Inglaterra.

tória de publicações e relações pessoais no Brasil; o maior elogio provinha ainda do próprio Jorge Amado:

As edições Knopf foram muito importantes para mim, divulgando muito os meus livros. Mas, a partir de um certo momento, sobretudo quando Alfred Knopf se retirou, achei que a editora não tinha mais o mesmo interesse pelo meu trabalho (...) Alfred Knopf foi um grande amigo, era uma pessoa extraordinária (...) ele tinha verdadeira adoração pelo Brasi (Amado, em entrevista a Raillard 1990: 206).

O projeto de Knopf não caminhou sozinho nos Estados Unidos. Outras correntes de influência atuavam sobre a recepção das obras do escritor. Interesses particulares, cenas públicas, resistências de diversas formas. Mesmo os incidentes, as guerras, invasões e os fatos políticos que aconteciam em outros continentes interferiam, em maior ou menor grau, na recepção local da literatura estrangeira.

Hoje, passadas mais de quatro décadas da publicação de Gabriela nos Estados Unidos, e após as revoluções tecnológicas, a formação do imaginário sobre o Brasil também depende muito de mídias como a Internet, o cinema e a televisão, criando novas imagens e novas refrações. Exportamos música, shows, filmes e telenovelas que surgem em novos contextos históricos.

A questão das raças ou etnias também tomou novas direções e neste ano de 2008 os Estados Unidos elegeram seu primeiro presidente mestiço. As relações internacionais tomam novos rumos, dia após dia, e novos acontecimentos marcam a imagem do país no exterior. Resta-nos sugerir que as pesquisas na área de tradução e historiografia continuem se desenvolvendo, enriquecendo cada vez mais os estudos da tradução.

Referências Bibliográficas

- ARMSTRONG, Piers (1999) *Third World Literary Fortunes: Brazilian culture and its international reception*. London: Associated University Presses.
 BARBOSA, Heloisa Gonçalves (1994) *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. Warwick: University of Warwick.

- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. (1955) *Negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi.
- COBBS, ELIZABETH A. (1992) *The Rich Neighbor Policy: Rockefeller and Kaiser in Brazil*. New Haven: Yale University Press.
- COHN, Deborah N. (2006) "A Tale of Two Translation Programs: Politics, the Market, and Rockefeller Funding for Latin American Literature in the United States during the 1960s and 1970s". In: *Latin American Research Review* 41.2 (2006), pp. 139-64.
- _____. (2003) *Retracing The Lost Steps: The Cuban Revolution, the Cold War, and Publishing Alejo Carpentier in the U.S.* CR: The New Centennial Review 3.1 (Spring 2003).
- CORREIA, Adilson da Silva (2003) "Gabriela na malha da tradução domesticadora dos anos 60". In: *Congresso Nacional de Estudos Filológicos e Lingüísticos*, 7, 2003, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2003. Disponível em www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno03-03.html. Acesso em 1 de julho 2003.
- DUARTE, Regina Horta (2005) "Impressions of Brazil in Northeast, by Gilberto Freyre.". In: *Tempo*, Niterói, vol. 10, n. 19, 2005. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de abril de 2008.
- FADIMAN, Clinton, ed. (1965) *Fifty Years – Being a Retrospective Collection of Novels, Novellas, Tales, Drama, Poetry, Reportage and Essays All Drawn from Volumes Issued during the Last Half-Century by Alfred and Blanche Knopf*. New York: Alfred A. Knopf, XX-XXVI.
- FONSECA, Edson Nery da (1987) *Gilberto Freyre conciliador de contrários*. In: *Ciência & Trópico*. Recife, n. 15, vol. 2, pp. 169-174, jul./dez. 1987.
- FREYRE, Gilberto (1933) *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt.
- _____. (1936) *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Companhia Editora Nacional. São Paulo.
- _____. (2003) *Palavras Repatriadas / Gilberto Freyre*; organizado por Edson Nery da Fonseca – Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- _____. (1945) *Brazil: an interpretation*. New York: Knopf.
- _____. (1946) *The masters and the slaves: a study in the development of Brazilian civilization*. Trad. Samuel Putnam. New York: Knopf.

- _____. (1959) *New world in the tropics: the culture of modern Brazil*. New York: Knopf, 1959.
- _____. (1963) *The Mansions and the Shanties: the making of modern Brazil*. Traduzido por Harriet de Onís. New York: Alfred. A. Knopf, 1963.
- GARDINER, Harvey C. (1970) *Samuel Putnam, Latin Americanist. A Bibliography*. Southern Illinois University, p. VIII.
- _____. "Samuel Putnam, Brazilianist". In: *Luso-Brazilian Review*, vol. 8, n. 1 (Summer, 1971), pp. 103-114.
- HAMILTON, Russell G. (2007) "Gabriela Meets Olodum: Paradoxes of Hybridity, Racial Identity, and Black Consciousness in Contemporary Brazil". In: *Research in African Literatures*. vol. 38 (2007) 1, pp. 181-193.
- HASENBALG, Carlos A. (1979) *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- JONES, Francis R. (2009) "Translating Post-war Bosnian Poetry into English". In: *Agents of Translation*. MILTON, John; Paul BANDIA (ed.). Amsterdam: John Benjamins.
- KNOPF, Alfred A. (1965) *Portrait of a Publisher 1915/1965*. 2 vols. New York: Typophiles.
- MAIO, M. C. (1999) "O Projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 14, n. 41, pp. 141-158.
- _____. (1998) "O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da Unesco". In: *História, Ciências, Saúde Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, V (2) (1998), pp. 375-413.
- MILTON, John; Paul BANDIA (2009) "Introduction". In: *Agents of Translation* - ed. John Milton and Paul Bandia. Amsterdam: John Benjamins.
- PEDREIRA, Lícia Maria Borba (2001) *Gabriela e os filhos de Calvino: uma leitura da versão de Gabriela cravo e canela em língua inglesa*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação de Letras e Linguísticas da Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- PEREIRA, Paulo José dos Reis (2005) "A Política Externa da Primeira República e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)". *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, vol. 48, n. 2, Dec. 2005.
- PUTNAM, Samuel (1948) *Marvelous Journey. Four Centuries of Brazilian Literature*. New York: Knopf.

- RAILLARD, Alice (1991) *Conversando com Jorge Amado*. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record.
- ROSTAGNO, Irene (1997) *Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States*. Westport, Conn.: Greenwood Press.
- SIWI, Marcio (1997) U. S.-Brazil Cultural Relations during World War II. Texas University.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R (1985) "United States Scholarly Contributions to the Historiography of Colonial Brazil". In: *The Hispanic American Historical Review*, vol. 65, n. 4 (Nov., 1985), 703.
- TOOGE, Marly D. B (2009) *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. Dissertação de Mestrado. FFLCH USP. 2009.
- TOTA, Pedro (2000) *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. (1994). "O Nacionalismo desenvolvimentista e a Política Externa Independente". In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 37, n. 1, 1994. (Disponível em <http://www.relnet.com.br>), acesso em 15/04/2007.

Artigos de Jornais

- Aid Without Strings. *The New York Times*. 20 de maio de 1961.
- Alfred A. Knopf Weds Mrs. Helen E. Hendrick. *The New York Times*. 21 de abril de 1967.
- Bridge to Good Neighbors. *The New York Times*. 30 de dezembro de 1939.
- Harriet de Onís, Translator, Dies. *The New York Times*. 16 de março de 1969.
- Mrs. Blanche Wolf Knopf of Publishing Firm Dies. *The New York Times*. 5 de junho de 1966.
- Mrs. Knopf Honored. *The New York Times*. 3 de novembro de 1950.
- P.E.N. Translation Prize To Go to Harriet de Onís. *The New York Times*. 7 de maio de 1967.
- Samuel Putnam, Author, Critic, 58. *The New York Times*. 18 de janeiro de 1950.
- CLEMONS, Walter. Books of The Times: Between the Decent and the Unseemly. *The New York Times*. 17 de agosto de 1969.
- KNOPF, Blanche *The New York Times*. Edição de 14 de julho de 1936.
- RAYMONT, Henry. Harriet de Onís Gets Book Prize: Translator of 40 Works Is Honored by P.E.N. Club *The New York Times* de 9 de maio de 1967.